

## **Escrever sem escrever: modos de leitura, curadoria e apropriação na literatura contemporânea**

### ***Writing without writing: modes of reading, curation and appropriation in contemporary literature***

Andre Luiz Godinho Aguiar <sup>1</sup>

**Recebido em:** 11/07/2020

**Aceito em:** 30/10/2020

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário Edições, 2019.

Quando Marcel Duchamp expôs um urinol de porcelana em uma galeria de arte em 1917, ele colocou em xeque o conceito de autoria não apenas no ambiente das artes plásticas e visuais, mas em todas as instâncias artísticas. Ali, começava sua afirmação de que o importante não seria a criação, o resultado em si, mas o que vem antes: a ideia, a seleção, o conceito — museus e exposições passaram a encarar a arte conceitual e os *ready-mades*.

De lá até aqui, Andy Warhol criou uma estética própria, se baseando em figuras e símbolos da cultura de massa; o *hip hop* foi concebido em torno de movimentos de repetição e remix de *samples* (fragmentos de músicas de outros artistas); a música eletrônica se popularizou com a edição de bases instrumentais pré-gravadas; a internet possibilitou modos de comunicar emoções por meio de imagens que viralizam sem assinaturas.

No livro *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*, Leonardo Villa-Forte (mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio e escritor de obras de ficção) investiga desdobramentos dessa cultura de apropriação e a curadoria como prática artística na literatura contemporânea, refletindo sobre as implicações desses deslocamentos em questões de recepção, mercado, autoria e tradução; pesquisa que resultou da sua dissertação de mestrado.

É conhecido que autores propõem intertextualidades há décadas, citando de forma explícita ou não outras obras quando escrevem. Contudo, o que está em evidência na contemporaneidade é uma atualização desse jogo a partir da reconfiguração de técnicas que surgem com o computador, como a digitalização e a produção colaborativa. Com a facilitação dos atos de copiar e colar, “o texto torna-se cada vez mais maleável, cada vez mais deslocável, editável” (VILLA-FORTE, 2019, p. 36).

Para Bourriard (2009, p. 7), o artista do século XXI não cria a partir de um

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9084-3295>.

elemento bruto, mas a partir de dados: “as noções de originalidade (estar na origem de...) e mesmo de criação (fazer a partir do nada) esfumam-se nessa nova paisagem cultural”. Deixa-se de lado a tela em branco, o bloco de mármore, a argila sem forma, e passa-se à apropriação de produtos industrializados, arquivos, frases lidas.

Nesse processo, modificam-se as formas de escrita e de recepção. O autor só consegue criar a partir do que recebeu, recortou, selecionou enquanto leitor — “leitor e autor se reúnem numa figura só” (VILLA-FORTE, 2019, p. 27). É desta figura do autor enquanto montador, deslocador, manipulador e curador que o livro trata. Esse autor que produz um objeto escrito, mas que não foi escrito por ele mesmo.

*Escrever sem escrever* é uma obra interessante para conhecer parte dessa produção literária, pois exemplifica procedimentos artísticos com autores que nem sempre se sobressaem entre as tendências da literatura contemporânea. São autores ou livros que suscitam interesse e curiosidade e manifestam uma profunda ligação com o contexto cultural e tecnológico deste século, mas que tem espaço limitado no circuito comercial, por assumir-se no mercado que estes não têm o que dizer. Contudo,

A escrita sampler acumula por afeto, pelo que a afeta, tudo aquilo que vê, ouve e experimenta à sua soma. Quem trabalha com a escrita sampler não é aquele que não tem o que dizer, é aquele que tem coisas demais a dizer, tem vozes demais falando dentro de si, e as expressa musicalmente, como um fluxo, como um processador de linguagens e sensações (COELHO & GASPARG, 2007, p. 158).

Ao longo do livro, são apresentadas criações a partir de regras e técnicas diversas: alguns apenas reproduzem textos em outros contextos, outros criam algo novo a partir de obras famosas, a começar pelo próprio Villa-Forte. Seu interesse no tema se desenvolveu a partir da experiência no blog *MixLit*<sup>2</sup>, onde compunha contos com frases e parágrafos de outros autores. Seu objetivo era obter narrações completas sem prejuízo de sentido se as fontes não fossem referenciadas.

Outra série que utiliza da mesma técnica (chamada *mash-up*) é a *3 poemas com auxílio do Google*<sup>3</sup>, da poeta Angélica Freitas. Freitas digitou frases no Google (“a mulher vai”, “a mulher quer”, “a mulher pensa”) e apresentou em poemas as respostas — estereótipos, falas e clichês machistas sobre o feminino.

Nestes procedimentos de Villa-Forte e Freitas, enxergamos a figura de um autor-leitor, que cria a partir de percursos e hipertextos, obtendo sentidos em dados e encadeando escritas diversas em uma narrativa comum. Quando assina o resultado, o autor se torna responsável pela obra, entretanto, ao revelar seu procedimento, se torna expresso um discurso coletivo. Os autores assumem “uma vontade de escrever com os outros” (VILLA-FORTE, 2019, p. 119), divergindo dos objetivos de uma apropriação por *détournement* (desvio), que maximiza esse debate sobre autoria.

Um dos expoentes do *détournement* na literatura é Kenneth Goldsmith, autor que cunhou o termo *Escrita Não-criativa*. Suas obras mais importantes (*Sports, Weather, Traffic e A Day*)<sup>4</sup> tratam de transcrições literais: a narração de uma partida de beisebol, os boletins

<sup>2</sup> Disponível em [www.mixlit.wordpress.com](http://www.mixlit.wordpress.com). Acesso em 14 de setembro de 2020.

<sup>3</sup> FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>4</sup> The Weather, Traffic e Sports foram publicados pela Make Now Press em 2005, 2007 e 2008,

meteorológicos ou do trânsito de uma rádio, todos os artigos de um jornal impresso.

Veronica Stigger faz um gesto aproximado no livro *Delírio de Damasco*<sup>5</sup>. Trata-se de uma coleção de frases, ouvidas na rua ou entre amigos, que chamaram sua atenção, seja pela comicidade, seja pela tragicidade. A publicação desta “espécie de trabalho de campo, como uma pesquisa, em certa medida, arqueológica e etnográfica” (STIGGER, 2013, não paginado) funciona, de certo modo, como uma desvelação de preconceitos ditos em âmbito privado.

Stigger e Goldsmith são autores-curadores quando assinam um livro onde afirmam que não inventaram nada de seus livros, apenas transcreveram de outros autores. É nisso que compreende um *détournement*: deslocar os meios sem se alterar o que está sendo dito. Confere-se a perenidade do livro a uma fala corriqueira ou a um jornal criado para ser consumido apenas no próprio dia de publicação. Dessa forma, revela-se como a narrativa faz parte do nosso cotidiano, quebram-se as formas com que percebemos um vínculo entre texto e forma, escrita e suporte, e causa-se estranhamento (AZEVEDO & CAPAVERDE, 2018).

A partir de Villa-Forte (2019), percebe-se ainda que a citação, que geralmente é feita para ilustrar, reforçar, comprovar ou expandir uma ideia, ganha outro sentido. Ela deixa de ser um acréscimo ao texto, para se tornar o texto em si.

A citação não vem para ilustrar. Ela vem para ser uma das partes do trabalho, em conexão com outras citações. Assim, caminhamos da “lógica do sentido” – algo que nos auxilie na compreensão – para a “lógica do uso” – onde não há diferença de hierarquia ou intenção entre o trecho apropriado e outros trechos. O trecho citado, como já dito, é um dado. Ela é uma fonte a ser utilizada como *ready-made*. Ela está lá, não para esclarecer, confirmar, fortalecer algo prévio, mas como obra em si (VILLA-FORTE, 2019, p. 27).

Outra forma de criação que Villa-Forte apresenta é o *die-cut* — uma forma de constituir um texto novo apagando certos trechos de um original. O que sobra, os trechos selecionados, é um texto com novos sentidos. Um exemplo é o livro *Tree of Codes*<sup>6</sup>, de Jonathan Safran Foer. Foer pegou seu livro favorito (*The street of crocodiles*, de Bruno Schulz) e apagou frases, palavras e passagens inteiras, deixando um espaço vazio no lugar e formando uma nova narrativa. É um texto escrito com as palavras de Schulz, todavia, original. Algo semelhante acontece em *Nets*<sup>7</sup>, de Jen Bervin, escrito a partir do destacamento de palavras em sonetos de Shakespeare — o original aparece em cor cinza, enquanto as palavras da rede tecida por Bervin aparecem em cor preta.

Essa segunda obra, que contém dois textos em um, em cores diferentes, é uma síntese das discussões de Villa-Forte nesta pesquisa. Bervin oferece o original aos seus leitores, junto do seu novo texto. Fica declarado um laço entre a tradição e o novo, o clássico e o moderno. É uma imagem que afirma que a novidade não nasce do nada, mas de algo anterior. Não se trata de uma competição para escrever obras mais profundas, mais impactantes, mais belas, e sim de criar o diferente, as mesmas palavras sob outro ponto de vista. (VILLA-FORTE, 2019).

respectivamente. A Day foi publicado pela editora Figures em 2003.

<sup>5</sup> STIGGER, Veronica. *Delírio de Damasco*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.

<sup>6</sup> FOER, Jonathan Safran Foer. *Tree of Codes*. Londres: Visual Editions, 2010.

<sup>7</sup> BERVIN, Jen. *Nets*. Nova Iorque: Ugly Duckling Presse, 2013.

Se a tecnologia modificou nossas formas de consumo, também transformou nossas formas de ter ideias. Imerso num fluxo intenso de dados, o escritor contemporâneo talvez já não precise se perguntar “o que criar?”, mas “o que fazer com tudo que já foi criado e chegou até mim?”.

*Escrever sem escrever* é a defesa de uma escrita alinhada com as técnicas da contemporaneidade da mesma forma que é a defesa de um leitor que compreenda esses deslocamentos e se relacione com a obra sem hierarquias. Esquece-se a ideia de um leitor passivo e reafirma-se a necessidade de mais leitores re-criativos, que se sintam inspirados para tratar pilhas de conteúdos e transformem “o que chegou até ele” em algo “dele”. Conhecer estas técnicas é praticamente receber um convite para observar seu cotidiano em busca de narrativas quase escondidas, realizar os mesmos procedimentos, coletar frases, recortar trechos, escavar livros em busca de outros. Recortar, editar e montar é uma maneira de ir além.

### Referências

AZEVEDO, Luciene. CAPAVERDE, Tatiana da Silva (orgs.). **Escrita não criativa e autoria**: curadoria nas práticas literárias do século XXI. São Paulo: Editoria E-Galáxia, 2018.

BOURRIARD, Nicolas. **Pós-Produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COELHO, Frederico; GASPAR, Mauro. **Manifesto Sampler Re/visit**. West Philly: 2007.

STIGGER, Verônica. Pré-histórias: arqueologia poética do presente. Z Cultural, **Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 3, 2013.